

“CURTINDO O CURTA”: CINEMA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA

FLÁVIA CÓPIO ESTEVES¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ – campus Volta Redonda
flavia.esteves@ifrj.edu.br

Resumo

A presente comunicação tem por objetivo apresentar e discutir os resultados do projeto de extensão intitulado “Cinema e relações étnico-raciais na escola”, desenvolvido entre 2016 e 2017 no âmbito do IFRJ *campus* Volta Redonda, em parceria com o Colégio Professora Delce Horta Delgado, pertencente à rede municipal de Volta Redonda. Em sua concepção original, o projeto propôs estabelecer uma articulação entre o cinema e seus usos na educação e a abordagem das relações étnico-raciais no Brasil, através, inicialmente, da exibição e discussão de curtas-metragens que discutissem a questão e, em seguida, da elaboração de produções originais, também em curta-metragem, pelos próprios alunos envolvidos no projeto, todos cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental. O projeto se insere na articulação entre dois elementos fundamentais: em primeiro lugar, o cinema, entendido em sua interface com a sociedade, em seus aspectos políticos, sociais e culturais e ainda, a abordagem das relações étnico-raciais no espaço escolar, no sentido da superação de questões como a inferiorização de saberes e práticas de origem africana e afro-brasileira, a presença de estereótipos raciais em materiais didáticos, a estigmatização do negro e a persistência do mito da democracia racial. Dos cinco curtas-metragens produzidos ao final do projeto, três filmes, com discussões mais específicas sobre o racismo, são abordados pelo presente trabalho, a fim de refletir sobre as percepções dos alunos-cineastas em torno da persistência da desigualdade racial no Brasil e, em uma perspectiva mais ampla, sobre as possibilidades abertas pelo cinema para o debate das relações étnico-raciais na escola.

Palavras-chave: Cinema, Relações étnico-raciais, Racismo, Preconceito, Representações.

Introdução

O presente trabalho consiste na apresentação das discussões e dos resultados relativos ao projeto de extensão “Cinema e relações étnico-raciais na escola”, desenvolvido ao longo de 2016 e 2017, no IFRJ *campus* Volta Redonda, contando ainda com a parceria do Colégio Municipal Professora Delce Horta Delgado, pertencente à Fundação Educacional de Volta Redonda (FEVRE).² O projeto, em sua concepção original, propunha estabelecer uma articulação entre os usos do cinema na educação e a abordagem das relações étnico-raciais no Brasil. Privilegia-se, aqui,

¹ Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) – *campus* Volta Redonda.

² O desenvolvimento do projeto contou com a colaboração de Raquel Giffoni Pinto, professora de Sociologia do IFRJ *campus* Volta Redonda, de Luiz Eduardo Farias, professor de História do Colégio Delce Horta Delgado, e dos bolsistas Pibix Jr., Bruno Henrique Viana e Matheus Andrade Souza e Silva (Edital PROEX 08/2016). Foi contemplado, ainda, com bolsa Pró-Extensão (Edital PROEX 07/2016).

a articulação entre diferentes áreas de conhecimento e saberes em relação ao cinema, de modo a pensá-lo em interface com a sociedade, em seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais.

O objeto norteador deste projeto, o cinema, insere-se em um conjunto de discussões que cercam a atividade docente, especialmente aquelas que se referem ao uso de elementos que possam motivar o desenvolvimento de uma capacidade crítica por parte do educando. Como escapar de aulas predominantemente expositivas, que oferecem reduzido espaço para que os alunos lancem questões, avaliem possibilidades, explorem e analisem diferentes elementos, desenvolvendo sua própria percepção acerca dos conteúdos ministrados? De que forma os alunos podem participar ativamente da construção do conhecimento no cotidiano escolar?

Tomando por base o cinema, eixo fundamental do projeto em questão, são muitas as análises e discussões já empreendidas sobre seu papel na educação. No entanto, ainda nos deparamos frequentemente com algumas lacunas que fazem com que as práticas em sala de aula envolvendo filmes sejam mais intuitivas do que, propriamente, fruto de um planejamento e uma análise dos recursos oferecidos pela linguagem cinematográfica.

O potencial já percebido da articulação entre cinema e educação abre possibilidades interessantes em se tratando da abordagem das relações étnico-raciais, urgente em um cenário onde desigualdades diversas tomam por base as questões étnico-raciais e a diversidade cultural. A discussão de tais temas, no espaço escolar, propiciaria “a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais” (SILVA, 2008).

Isto implicaria não apenas novos olhares sobre os currículos, mas também mudanças nas relações entre as pessoas, “(...) a fim de que desde logo se rompam com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais” (SILVA, 2008). Silenciar sobre tais tensões e sobre as múltiplas identidades raciais presentes na sociedade brasileira não significa, assim, que estejamos mais próximos de uma realidade social mais justa. A proposta de articular cinema e relações étnico-raciais apresenta, nesse sentido, amplas possibilidades em uma perspectiva de educação que se quer questionadora e formadora de cidadãos.

Neste sentido, o projeto trazia como objetivo central evidenciar a articulação entre Cinema e Sociedade em suas potencialidades no espaço escolar, proporcionando discussões e produtos que contribuíssem para promover um olhar mais crítico e democrático sobre as relações étnico-raciais

no Brasil. Para isto, tornava-se fundamental: a) discutir a temática das relações étnico-raciais e as representações veiculadas por produções cinematográficas já conhecidas; b) evidenciar a utilização do filme como instrumento para a construção do conhecimento e do senso crítico frente às expressões visuais, à realidade social e, especialmente, às relações étnico-raciais; c) apresentar as possibilidades oferecidas pela linguagem cinematográfica para que os alunos assumissem o papel de sujeitos nos debates sobre cidadania e diversidade. Tendo tais objetivos em mente, o projeto envolveu sessões para exibição e discussão de curtas-metragens com os alunos participantes, oficinas para elaboração de roteiros das produções originais, eventos de apresentação e debate dos curtas produzidos, acompanhados de exposições sobre a temática das relações étnico-raciais e da diversidade no Brasil.

Metodologia

O projeto “Curtindo o curta” — nome que recebeu ao ser introduzido no Colégio Municipal Professora Delce Horta Delgado — teve início a partir do contato feito com alunos do oitavo ano, a fim de desenvolver discussões sobre temas ligados à diversidade e relações étnico-raciais, através da exibição e do debate de curtas-metragens. Esta seria a primeira etapa de um processo que culminaria com a produção de curtas originais, a partir dos temas escolhidos pelos alunos-autores.

As atividades começaram com o curta-metragem *Vista minha pele* (Joel Zito de Araújo & Dandara, 2004), cuja trama traz como elemento central a representação de um mundo racialmente invertido, no qual a negritude é convertida em padrão. No filme, acompanhamos a história de Maria, uma menina branca de origem humilde, que frequenta um colégio particular com bolsa de estudos. Na realidade invertida encenada na trama, Maria deseja ser miss Festa Junina, desafio que inclui enfrentar o predomínio do padrão negro de beleza, as hostilidades dos colegas e a dificuldade em vender as rifas necessárias para vencer o concurso.

Para os alunos do projeto, a linguagem ágil do curta-metragem e a forma inusitada de discutir a temática dominaram a discussão, que constituiu um primeiro passo para pensar em conjunto o cinema. A partir disso, os alunos se dividiram em grupos, já com o objetivo de iniciarem a elaboração de produções originais, também em curta-metragem, sobre o tema das relações étnico-raciais. É importante destacar, aqui, um ponto específico: a proposta de confecção de curtas originais foi acompanhada do debate em torno da temática que seria o eixo central das discussões, partindo da perspectiva de que, para que os alunos-cineastas se assumissem efetivamente como

sujeitos, era fundamental que o produto final expressasse o olhar destes alunos participantes sobre a realidade social. Neste sentido, o tema mais amplo do preconceito e da diversidade foi escolhido como eixo para as produções.

Sob orientação dos professores envolvidos, os alunos tiveram, em seguida, contato com noções básicas do cinema como linguagem, passando por uma breve história do cinema — que contou com a exibição de *Chegada do trem na estação*, produção dos irmãos Lumière, um dos primeiros filmes produzidos. Buscou-se, nesta etapa, estabelecer diferenças entre a ficção e o documentário, a primeira compreendida como uma narrativa que contém enredo, personagens, tempo, espaço, narrador, e o segundo como um formato que extrapola a ideia de “mostrar a realidade”, mas que, ao contrário, parte de um recorte e de escolhas específicas, podendo conter entrevistas ou se apresentar como mais reflexivo. Sobre a linguagem do cinema, destacou-se a perspectiva fundamental de que a câmera não é objetiva, captando aquilo que o cineasta escolhe filmar. Enfatizou-se, ainda, as possibilidades abertas pelo filme como meio de despertar o senso crítico, tendo como exemplo o filme *Vista minha pele*. Por fim, foram apresentados alguns elementos da linguagem do cinema, entendida como “uma construção que, como tal, altera a realidade por meio de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento” exige uma atenção direcionada aos vários elementos da elaboração de um filme — a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, etc. — “como elementos estéticos formadores de uma linguagem criadora de significados específicos que transformam e interpretam o passado” (KORNIS, 2008:56-57). Tais noções, em suma, objetivavam embasar as opções que os alunos-cineastas teriam que fazer em relação a suas próprias produções.

Com os curtas-metragens finalizados, a primeira exibição seguida de debate ocorreu na Exposição Pedagógica da escola parceira em 24 de outubro de 2016, em duas sessões, com a presença de alunos, responsáveis e membros da equipe pedagógica e diretiva da escola. O evento constituiu uma oportunidade para os alunos-autores consolidarem seu papel de sujeitos na produção do conhecimento, podendo apresentar as ideias que nortearam a produção dos vídeos e as impressões que tiveram sobre a atividade. Em 23 de julho de 2017, na II Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRJ *campus* Volta Redonda, os alunos-autores foram convidados a apresentar seus vídeos no *campus*, junto a uma exposição sobre o tema das relações étnico-raciais. Tendo passado algum tempo desde a primeira exibição, percebeu-se que os alunos dispunham de questionamentos e pontos de vista ainda mais profundos, apresentando um olhar crítico inclusive sobre suas produções, o que permitiu visualizar o quanto as reflexões provenientes da participação no projeto trouxeram um impacto positivo para seus posicionamentos perante a realidade social.

Resultados e discussão

Foram produzidos cinco curtas-metragens, em grupos com número total de componentes variado.³ Percebeu-se que, no decorrer do processo de elaboração dos filmes, a temática das relações étnico-raciais se desdobrou para outras situações de preconceito visualizadas ou experimentadas pelos alunos-autores. A fim de valorizar e destacar a percepção deles sobre a temática, o alcance das discussões se ampliou, abrindo espaço para diferentes expressões de preconceito: do desrespeito ao agir e pensar diferente até o racismo mais perverso, foram representadas as múltiplas faces do preconceito — na escola, nas ruas e até entre supostos amigos. As escolhas em termos de linguagem também variaram. Em grande parte, os autores optaram por encenações de situações cotidianas de preconceito, em diferentes espaços, mas também houve a opção por entrevista e colagem de imagens. A estética amadora foi respeitada, ou seja, o mínimo de

³ *O preconceito cega*

Roteiro, produção e direção: Alessandro Simões, Davi Nascimento, Fellipe dos Reis, Kaiki Gomes, Pedro Santos e Stéfanie Sales.

Elenco: Alessandro Simões, Davi Nascimento, Kaiki Gomes e Stéfani Sales.

Câmera: Fellipe dos Reis.

Sinopse: Quando se está cheio de pré-conceitos, nos cegamos ao ponto de nem mesmo perceber o certo e o errado, o bom e o mau. Por vezes, a ajuda está onde menos esperamos.

Por um mundo sem racismo

Roteiro, produção e direção: Daniel Gonçalves, Felipe Freitas, Gabriel Teixeira, Luis Felipe Silva, Marcus Faber, Thiago Castro e Verônica Silva.

Sinopse: Para o preconceituoso, qualquer situação pode servir de pretexto para “provar” suas convicções. Qual seria a melhor maneira de lidar com essas pessoas?

Palavras que magoam

Roteiro, produção e direção: Ana Julia Kenupp e Gabriela Elen.

Participação especial: Vitória Kenupp.

Sinopse: Respeito, amor, amizade e carinho: você sempre coloca estes sentimentos em prática nas suas relações? Tem certeza? Às vezes, o que parece uma simples brincadeira é capaz de magoar profundamente.

Abra seus olhos

Roteiro, produção e direção: Ana Victória dos Reis e Isabella Fagundes.

Elenco: Ana Victória dos Reis e Isabella Fagundes.

Câmera e edição: Guilherme Ellis.

Sinopse: O medo do que os outros vão pensar e falar leva muitas pessoas a esconderem quem realmente são. Como sair desse dilema?

Abaixo ao preconceito

Roteiro, produção e direção: Beatriz Santos, Lucila Santos e Stefany de Souza

Participação especial (entrevista): Luci Rosa

Sinopse: Um chamado ao debate sobre todas as formas de preconceito: pela aparência física, opção sexual, cor da pele e tantos outros que presenciamos cotidianamente.

intervenção foi feita sobre as produções autorais, mantendo os olhares e recortes próprios dos alunos.

Em se tratando das discussões em torno da imagem em movimento e sua relação com a sociedade de modo mais amplo, podemos dizer que estas não são preocupações recentes, remontando, na verdade, aos primórdios do registro visual, seja através da fotografia ou, posteriormente, do cinema. Naquele momento, no bojo das inovações técnicas do século XIX, concebia-se “a possibilidade de transformar o momento fotografado e/ou filmado em documento histórico, criando para as gerações futuras a ilusão de, diante dessas imagens, estarem frente a um registro fiel de uma dada realidade” (KORNIS, 2008:11). As relações entre cinema e sociedade já se mostravam evidentes nesses primeiros anos. “Filmar a vida: eis o que fizeram os operadores Lumière”, afirma Michèle Lagny (LAGNY, 2009:99). Suas primeiras tomadas de cena testemunhavam a saída de trabalhadores de uma usina, a refeição deles com os filhos, assim como manifestações públicas da vida política ou acontecimentos jornalísticos. Já naquele momento, o cinema era concebido como um artifício que permitiria “assistir à história que se desenrola diante de seus olhos” (ROSENSTONE, 2010:27).

É inegável que, ao longo do século XX, o cinema se tornou uma das mais importantes formas de entretenimento de massa. Ao mesmo tempo, no decorrer dessa trajetória, uma forma particular de intertextualidade, intrínseca ao cinema, foi aprimorada, aliando diferentes modalidades de expressão – sejam elas referentes à imagem, ao registro visual, sejam elas componentes da trilha sonora, como diálogos, músicas e demais ruídos que intervêm simultaneamente com a imagem (AUMONT et all., 1995:193). A linguagem cinematográfica tem a capacidade de, ao lançar mão de inúmeros recursos, articular palavras, sons e imagens de modo a sugerir ao espectador uma enorme gama de sensações e sentimentos. Dialogando com outras formas de registro visual, como a fotografia e mais recentemente a televisão, tal linguagem exerce um forte de poder de convencimento, capaz de fazer o espectador crer na veracidade de tudo ao que assiste nas telas.

A perspectiva de relacionar o cinema e a sociedade, fundamental para se discutir a abordagem das relações étnico-raciais aqui proposta, exige ressaltar assim que a sociedade não é simplesmente retratada em um filme, mas sim encenada: “o filme opera escolhas, organiza elementos entre si, decupa no real e no imaginário, constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real”. Constitui, nesse sentido, “um *ponto de vista* sobre este ou aquele aspecto do mundo que lhe é contemporâneo. Estrutura a representação da sociedade em espetáculo, em drama (no sentido geral do termo) (...)” (VANOYE e GOLIOT-LÉTE, 1994:56).

Imagens do racismo foram encenadas em três dos cinco curtas produzidos. Conforme mencionado anteriormente, optou-se por respeitar as escolhas feitas pelos alunos-cineastas em relação aos aspectos que abordariam em seus filmes, tendo em vista a amplitude do tema do preconceito. Um dos curtas, *O preconceito cega*, abre com o questionamento: “Você acha que vale a pena julgar alguém pela cor da pele?”. A sequência única encena uma situação cotidiana, em que vemos, de costas, uma adolescente caminhando pela rua. Em frente, um menino negro cruza seu caminho. A reação da menina é atravessar a rua, desviando dele. Do outro lado da calçada, está um segundo menino, branco, que rouba a mochila da adolescente. Em seguida, o primeiro menino a ajuda, saltando sobre o ladrão e recuperando a mochila. Contudo, a narrativa não termina nisso, pois outro rapaz surge, atacando o menino negro e devolvendo o objeto à menina. Tais cenas são exibidas sem cortes ou interrupções, para logo a seguir começarem as indagações, em diálogo direto com o espectador. Letreiros lançam as questões, acompanhados pela repetição de imagens-chave da sequência de cenas: “A menina se desvia do rapaz negro. Seria medo de ser roubada? Mas no outro lado da rua, que parecia seguro com o menino branco... E o erro não parou por aí. Até quando tenta ajudar, o rapaz negro sofre preconceito”. Ao final, a frase que encerra o curta dá o tom da crítica: “Diga não ao racismo”.

A escolha dos alunos-autores deste curta, em especial, recaiu sobre a encenação de uma situação cotidiana, dando expressão cinematográfica ao racismo velado que marca a sociedade brasileira, um racismo que se afirma por meio da sua negação e que pode ser entendido como

por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. (GOMES, 2005 :52)

O racismo silenciado também foi abordado em outra produção do projeto, *Abaixo o preconceito*, que partiu de práticas de discriminação racial para discutir a amplitude dos preconceitos experimentados na sociedade atual. Utilizando a técnica da entrevista, os alunos-cineastas buscaram a vivência real de situações de racismo, quando a cor da pele faz com que pessoas se afastem de outras em espaços cotidianos.

Outro tipo de manifestação do racismo, de modo menos sutil, pode ser visto em outro curta, intitulado *Por um mundo sem racismo*. Uma situação em sala de aula tem como centro um aluno que sofre com o racismo dos próprios colegas de classe, que lançam piadas e comentários ofensivos em relação à cor da sua pele. Na origem, estão percepções distorcidas em relação às diferenças,

vistas aqui, na fala dos alunos, como critérios de hierarquização. Por ser negro, o colega era considerado inferior aos demais. A observação final vem da fala do único aluno que se colocou em confronto à prática racista dos colegas: “Está faltando o mundo entender, que mesmo você sendo branco ou negro, os dois têm direitos”. A seguir, um letreiro finaliza o curta: “Branco ou negro, somos todos iguais”. Na trama simples desenvolvida por este curta-metragem, verifica-se a defesa de uma visão mais democrática das diferenças, baseada na percepção de que a diversidade observada entre os indivíduos que compõem a sociedade brasileira — ou no espaço fílmico em questão, aquela sala de aula —, não deve ser base para construção de desigualdades e discriminações.

A persistência das desigualdades raciais no Brasil – entrelaçadas, muitas vezes, à imensa desigualdade social –, somada ainda ao caráter ambíguo do racismo brasileiro, faz com que seja urgente sua incorporação como temática a ser debatida no espaço escolar. Tais discussões se tornaram tópico importante nos debates sobre a educação no Brasil a partir, especialmente, da Lei 10.639/03 que introduziu, na Lei 9394/1996 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a obrigatoriedade do ensino de história e culturas africanas e afro-brasileiras. Posteriormente, a interpretação feita pelo Conselho Nacional de Educação orientou sua implementação, estabelecendo como ponto fundamental a questão étnico-racial (SILVA, 2008).

A expressão “étnico-racial” suscita observações importantes, particularmente pela identificação comum estabelecida entre raça e racismo. De fato, em uma acepção consagrada, o termo “raça” é comumente identificado com o racismo, com a escravidão e com inúmeras imagens que associamos ao “ser negro” ou “ser branco” na sociedade brasileira. Trata-se de uma perspectiva que remonta ao século XVIII e aciona referências da Biologia e de outras ciências para justificar e estabelecer uma hierarquização entre “raças” distintas. Esta concepção, contudo, encontra-se atualmente superada e se diferencia em grande medida das apropriações mais sociológicas e políticas do termo.

Tais apropriações são realizadas, especialmente, pelo movimento negro, o qual utiliza “raça” sob uma dimensão social e política com o objetivo de enfatizar a persistência da discriminação racial e do racismo. Parte-se do princípio de que práticas racistas e discriminatórias ocorrem em função de aspectos culturais e atributos físicos, fazendo com que a palavra “raça” ainda seja o termo “que consegue dar a dimensão mais próxima da verdadeira discriminação contra os negros, ou melhor, do que é o racismo que afeta as pessoas negras da nossa sociedade” (GOMES, 2005:44-45).

A expressão “étnico-racial”, incorporada a tais discussões e empregada por este trabalho, articula à ideia de *raça* o conceito de *etnia*, preferida por alguns analistas como estratégia para se distanciar do determinismo biológico comumente atrelado à *raça*. Este, em vários contextos, esteve associado à dominação de um grupo sobre outro, justificando hierarquias sociais a partir de atributos físicos e aspectos biológicos. *Etnia*, por sua vez, remeteria a uma dimensão cultural, compreendendo a identidade de um grupo construída e definida pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos, território. A combinação entre estes dois termos, assim, permitiria atentar para a multiplicidade de dimensões e nuances que envolvem a história, a cultura e a vida dos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira (GOMES, 2005:47).

O racismo e a discriminação são concepções e práticas resultantes de um aprendizado que não identifica positivamente a diversidade étnico-racial. Esta mesma diversidade convive com inúmeras resistências em se aceitar as diferenças e reconhecer a persistência de desigualdades e discriminações. Não raro, a diversidade étnico-racial do país é acionada como justificativa para a ausência de racismo entre nós, construindo um discurso que enfatiza a harmonia racial e a suposta situação de igualdade de oportunidades e tratamento entre brancos e negros. Somos levados a pensar que, se existem posições hierárquicas desiguais entre os indivíduos, isto se deveria a uma incapacidade inerente aos grupos em desvantagem ou aos indivíduos considerados (GOMES, 2005:56-57).

Este discurso, que atravessa o senso comum, não considera as relações de dominação, colonização e violência que marcaram este processo, e também contribui para o silenciamento de práticas discriminatórias e racistas que persistem. Qual seria o papel da escola neste contexto? Na análise de Nilma Gomes, a educação brasileira estaria “(...) desafiada a realizar uma revisão de posturas, valores, conhecimentos, currículos na perspectiva da diversidade étnico-racial”, o que significa ter como pontos centrais de mudança “a superação da situação de subalternização dos saberes produzidos pela comunidade negra, a presença dos estereótipos raciais nos manuais didáticos, a estigmatização do negro, os apelidos pejorativos e a versão pedagógica do mito da democracia racial (...)” (GOMES, 2010: 104). Uma educação que confira destaque às relações étnico-raciais buscaria, dessa forma,

a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. (SILVA, 2008: 490).

Ao se propor, neste projeto, a articulação com os estudos sobre cinema e educação, buscar-se acionar a dimensão educativa da atividade cinematográfica, já destacada em épocas anteriores. Mais do que isso, busca-se explorar todo o potencial do cinema, como um campo “no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2001:11) e que, assim, une o entretenimento, a representação do social, a reflexão e o debate.

Os curtas-metragens resultantes deste projeto, embora contem com recursos simples em termos tecnológicos, conseguiram alcançar seu principal objetivo, o de fomentar o debate. Nas duas sessões em que foram exibidos, o racismo e as suas múltiplas expressões bem como seus silêncios foram objeto de olhares críticos a partir dos recortes e das representações “levadas às telas” pelos alunos-cineastas. Estes, por sua vez, no espaço de um ano de participação no projeto, puderam conhecer e operar com elementos da linguagem cinematográfica, relacionando narrativa, imagens, personagens, letreiros, com o intuito de transmitir suas percepções em relação à temática das relações étnico-raciais.

Conclusões

Ao longo do processo de elaboração dos curtas-metragens, foi possível perceber como os alunos se apropriaram de recursos oferecidos pela linguagem cinematográfica para discutir o que lhes era mais evidente em suas experiências cotidianas no que se refere à questão do preconceito e da valorização das diferenças. Suas percepções, durante os debates anteriores ao início da elaboração do curta em si, extrapolaram visões tradicionais e traduziram um olhar bastante crítico sobre as maneiras pelas quais nossa sociedade pensa a diversidade. As produções resultantes do projeto permitiram, por sua vez, que as discussões fossem ampliadas para uma parcela da comunidade escolar, possibilitando que, através dos recortes realizados pelos alunos-autores, um panorama das relações étnico-raciais e outras formas de percepção da diversidade se configurasse. Ao final, o que se tem são alguns passos iniciais em direção de uma nova percepção das diferenças, uma percepção que não as tome como sinônimo de desigualdades e preconceitos.

Referências

AUMONT, Jacques; BERGALA, Alain; MARIE, Michel & VERNET, Marc. *A Estética do Filme*. São Paulo: Papirus, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.639/03*. Brasília. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC, 2005. <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em 01/03/2016.

_____ (org.) Um olhar além das fronteiras – educação e relações raciais. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2007.

KORNIS, Mônica Almeida. *Cinema, Televisão e História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LAGNY, Michèle. “O cinema como fonte de história”. In NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto e FEIGELSON, Kristian. (orgs.) *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Revista Educação*. Porto Alegre, RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set/dez 2007. Disponível em <http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/.../2092>. Acesso em 05/03/2016.

VANOYE, Francis & GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas, SP: Papirus, 1994.